

## UM OLHAR SOBRE O PREFÁCIO DE UMA GÊNESE DOS DISCURSOS

Fernanda Fernandes Pimenta de A. Lima

Dominique Maingueneau (2005) inicia o prefácio de *Gênese dos Discursos* elogiando a tradução da obra e ressaltando, com isso, a acessibilidade que esta permitiu ao público universitário brasileiro. Como resultado dos estudos que realizou na década de 1970 e de sua tese de doutorado que tratou de “uma semântica dos discursos devotos do século XVII” emerge *Gênese dos Discursos*, obra que demarca, de certo modo, seu lugar de analista do discurso, por se voltar teoricamente mais à “preocupação de dar conta dos funcionamentos discursivos” do que propriamente a uma perspectiva que ele chama de “parafilosófica” de análise. Outrossim, *Gênese dos Discursos* não é apenas uma “empreitada teórica e metodológica”, como assinala o autor, mas uma profícua reflexão sobre o sinuoso terreno do discurso. Maingueneau ressalta a dificuldade de renovação da Análise do Discurso, no início dos anos 1980 na França. Os estudos do texto e de linguagem, permeados pela crise em que se encontrava a Escola Francesa de AD, marcavam-se, respectivamente, pela semiótica e pela gramática gerativa. A renovação desse cenário veio na segunda metade da década de 80, tempo de “aberturas” teóricas e de diferentes abordagens sobre o discurso. No esteio dessa conjuntura, e propondo novos conceitos, entra em cena *Gênese dos Discursos*. A proposta inova pelo fato de o autor ir além nas reflexões sobre alguns pontos, quais sejam: a noção de *formação discursiva*, a “ênfase na homogeneidade das competências discursivas”, entre outros pontos que considera discutíveis. Algumas noções, como a de *competência discursiva*, por exemplo, para um leitor principiante, podem constituir um ponto “obscuro” na teoria proposta pelo autor. É uma impressão que pode ser afastada, ao se observar que as concepções que ele apresenta são bem trabalhadas nos capítulos do livro. Essas noções traduzem e justificam a “empreitada teórica” que Maingueneau apresenta para a renovação do olhar sobre a AD francesa. O autor reconhece certa dificuldade quanto ao tratamento dado à especificidade dos *corpora* estudados, o que é atenuado, em seguida, pela problemática que desenvolve sobre os “discursos constituintes”. Com base no prefácio de *Gênese dos Discursos*, pode-se reconhecer que o livro inova pelas noções que foram por ele introduzidas e se tornaram produtivas, como as de “comunidades discursivas”, de “ethos”, de “práticas discursivas”, por exemplo. Esta última noção, cuja definição produzida por Michel Foucault em *A arqueologia do Saber* é retomada por Maingueneau, na Introdução do seu livro, conceituando a noção de Discurso. O autor busca também discutir a noção de “competência discursiva” que, pela complexidade com que se apresenta, deixa entender inicialmente que é um tipo de *modus operandi* que os sujeitos utilizam no tratamento dos enunciados produzidos e interpretados em atividades discursivas. Ele ressalta também o fato de o discurso religioso ainda ser um tanto “marginal” à análise do discurso, um contraponto, quando se entende que o fato religioso está particularmente presente no mundo contemporâneo. Outros pontos da insatisfação do autor são citados principalmente no que tange à sua tentativa em trabalhar outros domínios semióticos, que também não se tornaram produtivos e não despertaram o interesse de outras

disciplinas que não se preocupam com as “problemáticas da análise do discurso”. Por fim, pode-se voltar a atenção ao emprego da palavra “modelizar”. Na base dessa proposta teórica, essa palavra resume um pouco o que os estudiosos em análise do discurso verão nesse livro. O prefácio enuncia uma teoria que produz resultados, entre pontos que asseguram um novo olhar sobre as relações que permeiam os discursos e suas práticas. Não é apenas um olhar que se lança sobre a interação entre formações discursivas, mas também é uma abordagem de conceitos inovadores como o de competência discursiva e semântica global que, nesse plano teórico, estão na base do “primado do interdiscurso sobre o discurso”. Pelo prefácio de sua obra, pensa-se que Maingueneau enxergou além da margem e lançou ao seu leitor um desafio, o de “invadir”, nem que seja de modo sutil, um território que busca ser inovado, para não perder sua consistência.